

Máculas: As marcas da tortura na vida de quatro catarinenses

Danielle Santos Dornelles¹

Thais Machado²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar através de relatos orais e escritos a vivência de torturadas e torturados catarinenses na época da Ditadura Civil Militar brasileira (1964 – 1985). Pretendemos com esse artigo, ressaltar algo tão silenciado na história do Brasil e principalmente no Estado de Santa Catarina: a tortura. Para aprofundarmos as questões presentes no artigo utilizamos a entrevista que realizamos com a catarinense Derlei Catarina de Luca³ ao primeiro dia do mês de setembro do ano de 2015, os escritos bibliográficos dos também catarinenses Marlene Soccas, Marcos Cardoso e Pedro Penteado.

Palavras-chave: Tortura; repressão; Ditadura Militar; Catarinenses.

Abstract: The objective of this article is to analyze through oral and written reports the experience of Santa Catarina tortured women and men at the time of the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985). We intend with this article, point out something so muted in the history of Brazil and especially in the state of Santa Catarina: torture. For this analysis we will use the reports of four Santa Catarina natives Marlene Soccas, Marcos Cardoso and Pedro Penteado.

Keywords: Torture, repression, Brazilian Military Dictatorship, Santa Catarina native.

Quando nos referimos à tortura no Brasil, logo nos remetemos ao período de 1964 – 1985, tempo em que o país viveu a Ditadura Civil Militar brasileira⁴. A partir da derrubada de João Goulart da presidência do Brasil, nosso país entra numa era de repressão, em que vários outros golpes foram direcionados aos direitos civis da população, como uma série de Atos Institucionais decretados com a finalidade de implementar medidas que visassem o endurecimento do aparelho de governo culminando no AI-5 que suspendia diversas garantias constitucionais.

Em Santa Catarina, o golpe não foi contestado pelo então governador do estado, Celso Ramos (1961- 1966) e assim como em todos outros estados, houve especificidades. Vale

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: danisdornelles@gmail.com

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: tatah_machadoo@hotmail.com

3 Nasceu em Içara, SC, no dia 17 de setembro de 1946. Professora formada pela Universidade Federal de Santa Catarina estudou História na Universidade do Oriente, em Santiago de Cuba. Foi Militante da Ação Popular Grupo de Combate à Ditadura; fundou e coordenou o Comitê Catarinense Pró Memória dos Mortos e Desaparecidos Políticos, hoje Memorial dos Direitos Humanos, no qual exerce atividades. Academia Criciumense de Letras <<http://www.acle.com.br/academico2.php?idAcad=1>> Acesso em 04/10/2015 às 20:44.

4 Alguns autores, como Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho, colocam que o golpe não partiu apenas do lado militar, mas de uma extensão participação da sociedade civil, imprensa e empresários, as autoras deste artigo compartilham dessa ideia.



lembrar que a Ilha de Florianópolis, mesmo sendo Capital do Estado de Santa Catarina, ainda era uma área rural e afastada, de difícil acesso, onde seus habitantes na maior parte do tempo faziam trocas para sobreviver e suas luzes ainda vinham de querosenes ainda na segunda metade do século XX⁵. O golpe visava tirar do seu caminho todas as pessoas que tivessem ideias contrárias a este, ou seja, as pessoas que não concordavam com o golpe e as que tinham alguma relação com partidos políticos vistos como ilegais, na época o PCB era um destes, era visto como subversivo e terrorista, capaz de acabar com a ordem do País.

O objetivo deste artigo, através da metodologia de história oral é analisar a questão da tortura no estado de Santa Catarina, presente nos relatos de catarinenses entrevistados e entrevistadas. A partir disto, podemos perceber que os métodos de tortura aconteciam sempre com a intenção de que o dito subversivo falasse o que o torturador queria ouvir. “Entre torturado e torturador se estabelece uma relação psicológica intensa”⁶. Os torturadores iam até onde o corpo e a mente poderiam suportar, a intenção era reduzir as pessoas a máquinas funcionais⁷.

No dicionário de português Michaelis, podemos encontrar as seguintes definições sobre tortura:

sf (lat tortura) **1** Ato ou efeito de torturar. **2** Dobra, curvatura, volta tortuosa. **3** Angústia, dor, sofrimento, suplício, tormento. **4** Tormento que se infligia a um acusado para conseguir dele certas respostas ou denúncias. **5** Lance difícil; apertos. **6** Embaraço, esforço. **7** Tortuosidade⁸.

Para definir o tema a ser tratado neste artigo, podemos utilizar as definições 1, 3 e 4 para caracterizar o que acontecia às pessoas que eram vistas como subversivas pelo Estado, as pessoas cujas histórias serão aqui tratadas.

A prática de tortura é um método antigo. Algumas das práticas utilizadas durante a Ditadura brasileira, como a Cadeira do Dragão e o Pau de arara, foram utilizados respectivamente, uma na Idade Média e a outra durante o período da escravidão no Brasil⁹, com o objetivo de castigar. Para além do pau-de-arara e da Cadeira do Dragão, o choque

5 FALCÃO, Luiz Felipe. Militância nas margens: lembrança da resistência à ditadura e das lutas pela democratização In: BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Orgs.). *Histórias na ditadura*: Santa Catarina (1964-1985). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014, p. 365-367

6 LUCA, Derlei Catarina de. *No corpo e na alma*. Ed. do autor, 2002, p. 178

7 Prefácio do ex-secretário-geral do conselho mundial de Igrejas. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil nunca mais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 15.

8 Dicionário Michaelis Online: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tortura>> acesso em 12/09/2015.

9 SOCCAS, Marlene. *Meu querido Paulo*. Ed. do autor, 2014, p. 202.



elétrico, o afogamento, produtos químicos, insetos e animais também foram utilizados como método¹⁰. Segundo Marise da Silveira Veríssimo, no século XX há um crescimento da prática quando ocorre uma mudança na conceituação de crime político, que passa então a se referir ao atentado do Estado-Nação¹¹.

As torturas geralmente ocorriam seguidas de sequestro, uma vez que as pessoas vistas como subversivas eram pegas em algum lugar e encapuzadas, só era retirado o capuz quando chegavam aos locais de torturas. Não havia notificação oficial, as presas e presos não sabiam para onde ou porque estavam indo quando capturadas, tampouco as suas respectivas famílias. As entradas oficiais se davam após a tortura¹², no caso de Derlei Catarina de Luca, quase dois meses depois.

Nossas reflexões acerca das problemáticas do uso da metodologia de história oral, que é utilizada neste artigo, são muito bem exploradas e exacerbadas através deste trecho de Alessandro Portelli em “A Filosofia e os Fatos”:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (...) quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas amotivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados¹³.

10 Sobre a técnica de tortura do choque elétrico: [...] o eletrochoque é dado por um telefone de campanha do Exército que possuía dois fios longos que são ligados ao corpo, normalmente nas partes sexuais, além dos ouvidos, dentes, língua e dedos [...] Sobre a técnica de tortura “afogamento”: [...] O afogamento é um dos “complementos” do pau de arara. Um pequeno tubo de borracha é introduzido na boca do torturado e passa a lançar água [...]. Sobre a técnica de tortura: pessoas relatam o uso de ácidos jogados no rosto, injeções de “soro da verdade”, injeção de éter, incluindo borrifos nos olhos. Sobre o uso de insetos e animais existem inúmeros relatos de cobras e baratas utilizadas de diversas formas em diferentes situações. ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Brasil nunca mais. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 33, 37, 38.

11 VERISSIMO, Marise da Silveira; SERPA, Élio Cantalício. *Marias do Socorro – Mulheres presas, mulheres torturadas*. 1998. vii, 168[6]f Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0112-D.pdf>> Acesso em: 1 abr. 2016.

12 Carta de Denúncia de Marcos Cardoso Filho sobre o que acontecia com os presos políticos da “Operação Barriga Verde” em 23 de fevereiro de 1976.

13 PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 60.



Ela nos conta que, ao ser presa no dia 23 de novembro de 1969, com 22 anos, as torturas já começavam no carro, logo após ser capturada. Após o sequestro, “os carros percorrem as ruas movimentadas de São Paulo e vou recebendo cassetadas cada vez que tento levantar a cabeça”.¹⁴ Ao chegar à Operação Bandeirantes (OBAN) a repressão aumenta. As salas de tortura eram chamadas sarcasticamente pelos torturadores como “sucursal do inferno ou purgatório”:

A primeira noite é indescritível. Arrancam minhas roupas. Sou pendurada no pau de arara, recebo choques elétricos nos dedos, vagina, ouvido, quebram meus dentes. A dor é lancinante. Tão intensa que nem dá para gritar. [...] São vários homens gritando. Ninguém pergunta objetivamente nada. Eles berram¹⁵.

O pau-de-arara foi talvez o instrumento de tortura mais comum utilizado durante a ditadura militar brasileira, está entre os instrumentos que Derlei chama de “torturas clássicas”¹⁶. Ela caracteriza o pau-de-arara da seguinte maneira:

É um cavalete de educação física, em que eles amarram os... Os joelhos assim (*flexiona os joelhos*) amarram aqui (*faz alusão aos punhos amarradas sobre os joelhos*) embaixo eles colocam uma barra de ferro e suspendem. Sabe essa churrasqueira de cachorro? É, esses locais onde vende frango assado? A gente fica exatamente assim. Pendurado no cavalete, não é? A cabeça pra baixo, e o joelho em cima do, em cima do, do cavalete. A posição é muito ruim. Além de estar pendurada, (...) Eles primeiro tiram a roupa, depois penduram, então você imagina, não é? Tirar a roupa, eles vão arrancando toda a tua roupa, eram nove homens na sala e penduram ali e vão dando choque elétrico. Aí dão choque elétrico nos pés, dão choque elétrico nas mãos, dão choque elétrico na vagina, é... Porque são as partes mais sensíveis. Então é muito dolorido... Muito dolorido¹⁷.

A presença contínua da noite e as sessões de tortura marcaram a vida daquelas que sofreram as torturas físicas e inegavelmente psicológicas: o fato de uma mulher da década de 1960 estar despida na frente de nove homens já era uma tortura, mais do que isso, uma

14 LUCA, Derlei Catarina de. *No corpo e na alma*. Ed. do autor, 2002, p. 78

15Ibid., p. 83.

16LUCA, Derlei Catarina. 01/09/2015, Florianópolis. Entrevista concedida à Danielle Dornelles e Thais Machado, p. 1

17Ibid., p. 2



vergonha¹⁸. Muitas pessoas não conseguiram suportar tantas torturas, algumas acabaram contando o que era de interesse aos torturadores e outras até mesmo inventavam para não sofrer mais torturas¹⁹.

Marlene de Souza Soccas, natural de Laguna, passou por esta situação. No dia 10 de maio de 1970, foi sequestrada no início da tarde na Avenida São João em São Paulo onde havia marcado encontro com um amigo, quando foi denunciada por um companheiro que havia sofrido graves torturas. Foi levada a Operação Bandeirantes (OBAN), onde passou por diversas formas de torturas, entre elas a cadeira de dragão. Os choques elétricos eram dados nos lugares mais sensíveis do corpo através de um fio que percorria o corpo nu da pessoa torturada²⁰.

Marlene também passou pela palmatória, bate-se por muito tempo nas mãos e nos pés. Essa prática faz com que se crie uma hemorragia interna nas mãos, de acordo com o tempo que se bate vai sair soro com sangue pelos sulcos das mãos. Segundo Marlene Soccas, em seu livro *Meu querido Paulo*, as articulações vão ficando inchadas e inflamadas sem possibilidades de movimentação²¹. A cadeira do dragão tinha o intuito de ser agonizante, fazendo ser impossível mexer-se de qualquer forma, por conta da imobilização dos braços, além do mais, jogava-se água para que aumentasse a potência dos choques²².

Durante estes duros anos, órgãos como a Anistia Internacional tiveram um papel importante na articulação de redes de apoio em toda América Latina, através de seus documentos e campanhas direcionadas a cada país, buscavam refletir e criar empatia com a questão dos direitos humanos. O primeiro relatório dessa organização especificamente sobre Tortura foi construído em tom de denúncia das atrocidades cometidas pelo período ditatorial brasileiro²³.

No documento abaixo, datado em 1972²⁴, sobre a temática da tortura, há a presença de uma carta de Marlene Soccas, enviada do Presídio Tiradentes em Março de 1972, relatando sua experiência e de outro colega na Operação Bandeirante (OBAN).

18Ibid., p. 7

19Ibid., p. 3

20 SOCCAS, Marlene. *Meu querido Paulo*. Ed. do autor, 2014, P. 202.

21 Ibid., p. 205.

22 Ibid., p. 202

23 Site Oficial Anistia Internacional - <<https://anistia.org.br/conheca-a-anistia/quem-somos/>>

24 Documentação da Anistia Internacional datada nas décadas de 1970 e 1980, referente às ditaduras do Cone Sul, registradas pela prof.ª Dra. Cristina Scheibe Wolff no International Institute of Social History sediado em Amsterdam (Holanda) em 2014.



Figura 01: Carta de Marlene Soccas enviada do Presídio Tiradentes em Março de 1972.

Letter from Marlene de Souza Soccas to the 'auditor' judge of the Military Tribunal

Marlene de Souza Soccas saw Marcos Pena Settamini de Arruda while both were undergoing torture and she mentions it in her letter:

. . .As I have been under arrest for two years, I have a vast and unhappy knowledge of Brazilian justice. In May 1970 I was arrested by OBAN; I was prevented from contacting my lawyer or even from informing my family. I remained incommunicado for two months, twelve days of which were spent in OBAN headquarters - here I suffered all sorts of physical and mental torture. Brutally stripped by policemen I was put on the 'dragon chair' (a kind of metallic plate) with my hands tied to electric wires and the various parts of my body, including the tongue, ears, eyes, wrists, breasts and sex organs. I was then suspended from the 'pau de arara', an iron bar leaning on two stands, passing under the knees with the wrists and ankles tied together and the whole body hanging downwards defenceless. I was given electric shocks, was beaten about the kidneys and the vertebral column; I was burnt with cigarettes, I was tortured in the presence of naked political detainees, men and women, and suffered the insult of the policemen who threatened me with revolvers.

Fonte: Documentação da Anistia Internacional datada nas décadas de 1970 e 1980, referente às ditaduras do Cone Sul, registradas pela prof.^a Dr^a Cristina Scheibe Wolff no International Institute of Social History sediado em Amsterdam (Holanda) para o acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC.

Nesta carta, ela expõe as torturas sofridas durante os anos em que estiveram presos. As cartas como denúncia nas ditaduras da América Latina foram de fundamental importância para que as torturas e violações aos direitos humanos realizados pelos regimes ditatoriais mundo afora, fossem lançados à luz da imprensa e opinião mundial.

Pedro Penteadado do Prado, natural de Lebon Régis, foi sequestrado pelos militares no ano de 1964 em Curitiba, com apenas 15 anos, enquanto saía do emprego de garçom no bar onde o Grupo dos Onze²⁵ se reunia. Ao ser encapuzado, narcotizado e ter as mãos amarradas, sentiu que estava sendo levado à Lages. Quando chega a Lages “em um local com grades”²⁶ lançam contra ele jatos de água com uma mangueira muito forte fazendo com que seu corpo fosse lançado contra as paredes. Pedro conseguiu se desamarrar e entrar em luta corporal com os torturadores, esses esmagaram dois de seus dedos e desferiram golpes de

25 “A peça-chave de resistência deveria ser o deputado federal Leonel Brizola (1922-2004), e todos acreditavam que ele não estava só. Afinal, havia organizado, de Norte a Sul do país, os chamados “Grupos de Onze”. Semana após semana, o político divulgava ao Brasil novas listas com adesões de milhares de pessoas à sua causa: as Reformas de Base e a manutenção do Estado democrático.” Revista de História: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/onde-estao-os-grupos-de-onze>> Acesso em 02/10/2015 às 21:25.

26 PRADO, P. P. *Denúncia de prisão e tortura*: depoimento. 15 de maio de 2014, Florianópolis: Comissão da Verdade de Santa Catarina.



facas em suas coxas. Pedro foi preso pela boca, em algo que ele chama de “cabide”, ficou dependurado pelos dentes e sua cabeça ficou enlaçada a duas argolas presas à parede, através de uma cinta de velcro. Com apenas quinze anos, não tinha nenhuma noção sobre que mal tinha feito para sofrer daquele modo. Após as torturas, foi levado ao hospital onde ficou até ser cuidado e depois mandado embora, entretanto levou consigo marcas e ameaças. Não deveria contar à ninguém o que havia acontecido dentro da sala de tortura: seria sempre vigiado. E se falasse algo, seu pai (ex-delegado de polícia em Santa Cecília) seria preso. Apenas após a morte do pai, em 1983, Pedro começou a escrever essa parte da história de sua vida.²⁷

Durante os anos da ditadura houveram diversas perseguições aos partidos ditos subversivos, entre eles o PCB, em Santa Catarina essa operação levou o nome de Operação Barriga Verde, onde 42 pessoas foram presas e torturadas entre eles Marcos Cardoso Filho, natural de Joinville e preso em 4 de novembro de 1975, que escreveu de dentro de uma prisão em Florianópolis uma carta denúncia, que foi levada à conhecimentos internacionais²⁸, sobre as torturas que foram infringidas à ele e seus companheiros presos. Marcos foi levado para Curitiba para ser torturado e em seu relato sobre o pau de arara podemos perceber a utilização de outros “apetrechos”:

Deram-me então várias raquetadas e na sola dos pés. Depois derramaram inúmeros copos de café fervente sobre os órgãos genitais. Como permanecesse calado, ameaçaram e levaram a efeito o afogamento no pau-de-arara. Como estava encapuzado, molharam o capuz que passou a aderir ao nariz e à boca, tornando a respiração praticamente impossível. Derramaram-me então água sobre a cabeça e então era obrigado a inspirar água, que causava afogamento²⁹.

Essa forma de tortura foi comum nos presos pela Operação Barriga Verde e levados pelos militares para serem torturados em Curitiba, segundo pode se observar na carta denúncia de Marcos. Além disso, eram comuns as torturas psicológicas, como as que Marcos relata em sua carta denúncia, as luzes eram apagadas e acesas o tempo inteiro, sofriam ameaças de morte, ouviam berros de companheiras e companheiros sendo torturados,

27 PRADO, P. P. *Denúncia de prisão e tortura*: depoimento. 15 de maio de 2014, Florianópolis: Comissão da Verdade de Santa Catarina.

28 MARTINS, Celso. *Os quatro cantos do sol*: Operação Barriga Verde. Florianópolis: EdUFSC e Fundação Boiteux, 2006.

29 FILHO, M. [Carta] 21 de dez de 1975, Florianópolis. Carta denúncia sobre o que acontecia com presos políticos.



proibição de comer, beber água, ir ao banheiro, promessa de torturas e mortes de familiares. Por este último motivo que Pedro Penteado do Prado calou-se sobre as torturas que sofreu por mais de vinte anos.

Para Derlei Catarina de Luca, o próprio espaço onde aconteciam as torturas era de terror, uma vez que as torturadas e torturados não sabiam o que aconteceria no próximo momento³⁰. Quando estas pessoas conseguiam sair vivas do local de tortura, da mão dos torturadores e iam presas oficialmente, a situação acabava sendo mais reconfortante, pois, mesmo reclusos, havia possibilidade de visitas e um maior afastamento das torturas³¹.

As máculas da tortura – como chama Pedro – ficam para sempre em quem passou por esse tipo de situação em algum momento de sua vida. Derlei, ainda tem marcas em suas pernas da cadeira de dragão. Durante muito tempo não conseguiu dormir com as luzes apagadas. E ainda sente o cheiro forte de seu próprio corpo ao lembrar-se dos dias em que ficou na OBAN sob tortura³². Pedro, por anos escondeu seu sofrimento com o que tinha acontecido, além disso, ainda tem marcas em seus dentes por ter ficado pendurado no “cabide”, chagas das facadas e os dedos com “cicatrizes ainda visíveis”³³.

Falar sobre tortura nunca é algo fácil ou agradável, principalmente para aquelas àqueles que sofreram diretamente esta dor e as transformaram em memória. Entretanto, torna-se necessário à medida que o esquecimento e o silenciamento tornam a pairar sobre a sociedade. Portelli, ainda em *A filosofia e os Fatos*, trata das questões do relato, neste caso, o assunto é escravidão, e de como nós, como historiadoras e historiadores, podemos trabalhar com estas fontes.

Em realidade, é impossível até mesmo comparar os açoites entre si, ou medir precisamente o vigor com que os açoites foram administrados; este dado, de fato, depende em parte inclusive do prazer ou do desprazer de quem tem em mãos a chibata. Por isso, por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade *existe*, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas

30 LUCA, Derlei Catarina. 01/09/2015, Florianópolis. Entrevista concedida à Danielle Dornelles e Thais Machado.

31 VERISSIMO, Marise da Silveira; SERPA, Élio Cantalício. *Marias do Socorro – Mulheres presas, mulheres torturadas*. 1998. vii, 168[6]f Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0112-D.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 1999.

32 LUCA, Derlei Catarina. 01/09/2015, Florianópolis. Entrevista concedida à Danielle Dornelles e Thais Machado.

33 PRADO, P. P. *Denúncia de prisão e tortura: depoimento*. 15 de maio de 2014, Florianópolis: Comissão da Verdade de Santa Catarina.



(sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais³⁴.

Jamais poderemos sentir a dor relatada por qualquer pessoa que viveu esse momento, entretanto, compartilhamos um pouco dela sempre que lemos, escutamos ou escrevemos seus relatos. Muitas das pessoas que passaram pelas mãos dos militares durante a ditadura, não conseguiram sobreviver com essas marcas, uns “enlouqueceram”, enquanto outras tiraram as próprias vidas. O que aconteceu dentro das salas de torturas durante a ditadura civil militar brasileira acompanhou no mais íntimo de quem o viveu, mudando muitas vezes o estilo de vida, as relações interpessoais e até as relações mais íntimas dessas pessoas. As torturas relatadas neste artigo são apenas algumas entre tantas outras que ocorreram no país. Embora apenas uma das quatro pessoas que escolhemos para este artigo tenha sido torturada no Estado, as outras três são catarinenses, não fazendo menos necessária a importância de que estes relatos e histórias sejam repercutidos. Falar sobre ditadura em Santa Catarina é necessário, tal como é que aquelas e aqueles que sofreram sejam ouvidos “para que nunca se esqueça, para que nunca mais aconteça”.

Referências

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRANCHER, Ana Lize; LOHN, Reinaldo Lindolfo (Orgs.). *Histórias na ditadura: Santa Catarina (1964-1985)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- BETTO, Frei. *Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- BETTO, Frei. *Batismo de sangue: a luta clandestina contra a Ditadura Militar – Dossiês Carlos Mariguella e Frei Tito*. 12. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- De LUCA, Derlei Catarina. *No corpo e na alma*. Criciúma: Ed. do Autor, 2002.

34 PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72. p. 3-4



MARIA PEDRO, Joana; WOLFF, Cristina Scheibe; VEIGA, Ana Maria (Orgs.). *Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996.

SOCCAS, Marlene. *Meu querido Paulo*. Criciúma: Ed. do Autor, 2014.

VERISSIMO, Marise da Silveira; SERPA, Élio Cantalício. *Marias do Socorro – Mulheres presas, mulheres torturadas*. 1998. vii, 168[6]f Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PHST0112-D.pdf>>. Acesso em: 1/04/2015.

WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

Fontes

LUCA, Derlei Catarina. 01/09/2015, Florianópolis. Entrevista concedida à Danielle Dornelles e Thais Machado.

Relato Derlei Catarina de Luca publicado na Revista Fronteiras: <http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2024%20vers%20fin/f24-artdoss6-derlei_de_luca.pdf> Acesso em 25/08/2015.

PRADO, P. P. Denúncia de prisão e tortura: depoimento. 15 de maio de 2014, Florianópolis: Comissão da Verdade de Santa Catarina.

Recebido em 02 de novembro de 2015

Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

